

ANTONIO CARLOS PEREIRA

ESTADO DE SÃO PAULO

Educação para o século XXI

No Brasil, 83% da população de idade escolar é alfabetizada, embora não se saiba com exatidão que parcela desta porcentagem deva ser subtraída, por analfabetismo funcional. Em 1993, apenas 39% dos jovens entre 12 e 17 anos estavam matriculados no ensino médio. Nos países de alta renda, 98% dos jovens daquela faixa de idade estão na escola, aprendendo as disciplinas que os farão cidadãos conscientes e trabalhadores habilitados, porque capazes de aprender as técnicas fabris. Dos 39% inscritos na escola secundária, parcela considerável é de repetentes. O problema é tão grave que as autoridades educacionais o estão resolvendo por uma espécie de genocídio pedagógico: acabando com a repetência por decreto, para que a permanência de alguns repetidas vezes na mesma série não sirva de exemplo ruim aos demais alunos, nem crie gargalos nas escolas. Imagine-se como sai da escola o aluno que foi "promovido" quatro vezes porque não tinha condições de terminar ao menos o primeiro ano do curso. Esta, no entanto, dizem os pedagogos, é a melhor maneira de resolver o problema. Seja!

O fato é que não se pode separar educação — o que, desde já, é preciso considerar diferentemente de completar o primeiro ou o segundo ciclo, pelo já exposto — de democracia e desenvolvimento. É pela educação que nos tornamos conscientes de nossos deveres cívicos e exigentes de nossos direitos, isto é, somos cidadãos. É pela educação que nos capacitamos para o trabalho, para a vida produtiva em sociedade. Cidadania e trabalho — produtos da educação — permitem-nos erguer a cabeça acima do horizonte mesquinho do dia-a-dia e vislumbrar o futuro, dando um sentido de continuidade às nossas vidas.

A educação que os brasileiros recebem nas escolas, particularmente as públicas, permite supor que enfrentaremos com sucesso os desafios da transição do século?

Nos Estados Unidos, o sistema educacional é muito mais amplo e denso que o nosso, e o presidente Bill Clinton tem dúvidas quanto à sua eficiência. Tanto assim que elegeu como prioridade número um do governo que acaba de iniciar a educação. Quer dar aos americanos a melhor educação do mundo, nada mais, nada menos. Seus objetivos são simples: cada criança de 8 anos de idade deve saber ler; cada jovem

de 12 anos deve ser capaz de se ligar à Internet; cada rapaz de 18 anos deve ser capaz de entrar na faculdade; cada adulto deve ser capaz de se educar para toda a vida.

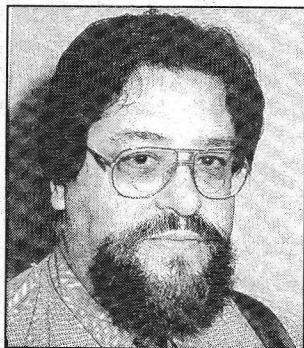
Isso não se fará por rebaixamento de padrões de avaliação. Ao contrário, será fixado um padrão nacional de qualidade para refletir não o que o governo deseja ou o que acadêmicos julgam apropriado, mas o que a economia do conhecimento do século XXI exigirá de cada pessoa. Cada escola deverá se adaptar a esse currículo e treinar seus professores para que eduquem seus alunos segundo os novos e mais elevados padrões de ensino. Em 1999 deverá haver um "provão" nacional, para testar a resposta dos alunos aos novos padrões nacionais. A chamada "promoção social" acaba: nenhum aluno poderá passar de uma etapa escolar a outra se não estiver preparado. E como as escolas são feitas por bons professores, estes receberão cursos e treinamento para enfrentar a nova demanda.

Além disso, a família e organizações civis estão sendo convocados para fornecer tutores — acompanhamento permanente — aos 40% de crianças de 8 anos que têm alguma dificuldade para ler. Cada família poderá escolher a escola onde deseja matricular seus filhos. Educação cívica volta a ser uma preocupação, bem como a imposição da tradicional disciplina escolar.

Uma das metas mais ambiciosas é tornar universais os

13º e 14º anos de educação, isto é, dois anos na faculdade, da mesma forma como hoje o 2º grau é universal. Para que as portas da universidade se abram a todos os americanos, o presidente Clinton propôs ao Congresso deduções do imposto de renda de até US\$ 10 mil, para qualquer anuidade escolar acima do 2º grau. Por uma conjugação de programas, o dinheiro que a família economizar para a educação de seus filhos não será mordido pelo imposto de renda.

Aqui no Brasil, deduz-se o máximo de R\$ 1,7 mil por ano do imposto de renda, por cada estudante, pouco mais do que cobra por mês uma boa faculdade particular de ciências biológicas ou médicas, ou o equivalente a pouco mais de duas mensalidades de uma faculdade de conversologia. Ainda há quem fale que os Estados Unidos estão declinando e o futuro, ah, o futuro!, nos pertence.



■ Antonio Carlos Pereira
é jornalista

**Clinton quer
dar aos
americanos a
melhor educação
do mundo, nada
mais, nada menos**